

Estudos sobre a mídia esportiva na formação do professor de educação física: apontamentos de pesquisa-ação ¹

Giovani De Lorenzi Pires ²
Aguinaldo Gonçalves³

Resumo Abstract

Este texto apresenta inicialmente breve síntese do quadro conceitual e metodológico de pesquisa-ação realizada na UFSC; na sequência, são expostas reflexões/interpretações decorrentes da análise de conteúdo do material produzido, representadas através das seguintes unidades de codificação ou expressões de referência: “*Batepapo*”, “*Vendo com outros olhos*”, “*Tematizar a realidade*”, “*Receptor-sujeito*”, “*Esclarecimento como processo*”, “*Mãos à obra*”.

Palavras-chave: Educação Física – Mídia – Formação Profissional

This text presents initially a brief synthesis of the conceptual and methodological framework for research-action carried out at UFSC, followed by an exposition of reflections/interpretations resulting from the content analysis of the material produced, represented through the following units of codification or expressions of reference: “*Chat*”, “*Seeing with other eyes*”, “*Thematization of reality*”, “*Receiver-subject*”, “*Clarification as a process*”, “*Hands on*”.

Key words: Physical Education – Media – Professional Preparation

-
- 1 Artigo baseado na Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós Graduação da FEF/Unicamp, área de Ciências do Esporte e publicada pela Ed.UNIJUI (PIRES, 2002). Em outro texto (PIRES; GONÇALVES, 2001), deu-se ênfase à base conceitual e metodológica do estudo; neste, optou-se por privilegiar a análise interpretativa dos dados da pesquisa-ação.
 - 2 Professor Adjunto do Departamento de Educação Física/Centro de Desportos/UFSC e integrante do Núcleo de Estudos Pedagógicos da Educação Física – NEPEF/UFSC..
 - 3 Professor MS6 em Saúde Coletiva/Atividade Física da FEF/Unicamp e Coordenador do Grupo de Saúde Coletiva/Epidemiologia e Atividade Física.

I. Introdução

A constituição do campo do conhecimento da Educação Física tem sido objeto de diferentes abordagens teóricas, algumas inconciliáveis como, por exemplo, as relativas a existência/necessidade ou não de estatuto científico próprio (e de respectivo objeto de estudo). Se, por um lado, são feitas críticas quanto a ausência de marco teórico referencial que a faça ciência, atribuindo a isso a falta de credibilidade da área (Sérgio, 1993; Sérgio, 1996; Tani, 1996), por outro, entende-se que as diferentes tentativas de legitimação da Educação Física teriam-na levado a ser subsumida por campos já assim considerados, ocasionando a perda da sua autonomia pedagógica (Bracht, 1992; Soares, 1994; Bracht, 1999). Embora tenha havido, até aqui, o predomínio de posições dualistas, podem ser registradas ainda posturas mais relativistas, que tanto defendem a pluralidade epistemológica quanto questionam a própria legitimidade da ciência moderna (Santin, 1995; Lovisolo, 1995).

Tomando partido pela opção defendida por Bracht (1999), que entende a Educação Física como uma prática de intervenção pedagógica, portanto, social, compreende-se que, para além dos esforços a serem empreendidos no sentido da construção de teoria da e para a prática a partir do estabelecimento de disciplina-síntese que articule o “saber” e o “saber-fazer” necessários a sua caracterização enquanto prática refletida, é fundamental que se recolham do cotidiano apontamentos do seu contexto sociocultural, a fim de produzir-se uma teoria viva, dinâmica, que tenha na perspectiva da permanente transformação seu elemento fundante. Isto significa dedicar especial atenção às diferentes instituições sociais que são também produtoras de saberes e fazeres correspondentes àqueles conhecimentos e habilidades que são tradicionalmente orientadores da prática pedagógica da Educação Física.

Neste caso, implica identificar e tematizar⁴ discursos e práticas existentes em outras áreas/campos de intervenção social a respeito dos elementos clássicos da cultura de movimento⁵ que são submetidos

4 O sentido da expressão “tematizar” segue o proposto pelo GEAEF (1996), visando ressignificar pedagogicamente saberes/fazeres da cultura de movimento, a fim de transformá-los em conteúdos das aulas de Educação Física.

5 Adoto aqui o conceito de *cultura de movimento* expresso por Kunz (1994), derivado da categoria *mundo vivido* (*Lebenswelt*), formulada por Habermas em seu conceito de modernidade societária e racionalidade comunicativa. Resumidamente, cultura de movimento é a “compreensão-do-mundo-pelo-agir” (Tamboer, citado por Trebels, 1992) ou o âmbito do “se-movimentar”, como espaço de ação e significação social do movimento humano (Kunz, 1991).

ao trato pedagógico pela Educação Física. Neste sentido, parece desejável que, ao lado dos conhecimentos científicos produzidos pelas ciências que contribuem para a compreensão, explicação e prescrição do movimento humano, o currículo acadêmico dos cursos que formam profissionais de Educação Física contemple também as demandas sociais contemporâneas sobre os diversos elementos da cultura de movimento.

Isto não significa postular o rebaixamento do conteúdo científico da formação acadêmica ao âmbito do conhecimento sensível; tampouco pretende elevar as práticas sociais cotidianas à condição de ciência. Preconiza-se, isso sim, que seja uma competência do profissional da área dispor de conhecimentos e habilidades que lhe permita promover sínteses articuladoras entre o cientificamente elaborado e o culturalmente construído, pois é nesta interlocução/reconstrução de saberes (Marques, 1996) que a legitimação social da Educação Física poderá acontecer.

Assim, é necessário identificar práticas sociais da cultura de movimento que se apresentem como passíveis de serem

tematizadas pela Educação Física. Dentre elas, merecem destaque os saberes e fazeres que são conformados pelo discurso midiático sobre exercício físico e esporte, isto é, o conjunto de signos e significados (e a práticas deles demandadas) construídos no imaginário social através da sua inclusão no horizonte de intervenção dos meios de comunicação de massa. Na medida em que tais ações e atitudes se inserem na cultura cotidiana por influência das mensagens da mídia, determinando escolhas e opções que, inclusive, extrapolam o campo da cultura de movimento, o reconhecimento sobre as formas de produção destes discursos, sua intencionalidade e estratégias, pode representar primeiro passo para a construção de agir esclarecido e de cidadania emancipada (Demo, 1995)⁶ em relação a estas influências.

Esta competência, certamente, em muito depende da atuação, nos vários âmbitos de inserção do profissional de Educação Física, que deve, ele próprio, também desenvolvê-la, como pressuposto para sua intervenção educativa (Carvalho; Hatje, 1996). A formação acadêmica, portanto, deve voltar-se para isso, incluindo em seus elemen-

6 De forma muito apropriada, Pedro Demo diferencia *cidadania tutelada* ou *assistida* de *cidadania emancipada*, considerando aquela uma concessão do Estado burguês, enquanto esta, a "*conquista de competência para fazer-se sujeito, para fazer história própria e coletivamente organizada*" (1995, p.1)

tos curriculares oportunidades sistematizadas e estruturadas para a aprendizagem da leitura, análise e ressignificação do conteúdo do discurso midiático sobre tópicos da cultura de movimento e esportiva. Todavia, o que se percebe no presente momento direciona-se mais no sentido oposto, conforme estudos realizados em universidade pública (Pires; Gonçalves; Padovani, 1999-a e 1999-b).

Em vista disso, decidiu-se pela realização deste estudo, com o objetivo de verificar a viabilidade de experiência de ensino/pesquisa sistematizada na forma de disciplina optativa, implicando a criação de espaço curricular próprio para o desenvolvimento da capacidade de análise do discurso midiático sobre o esporte na formação em Educação Física. Entende-se que os avanços e possibilidades identificados pelo estudo possam se constituir em subsídios para que estudos sobre outros temas da Educação Física igualmente influenciados pela mídia possam ser implementados (esta parece ser a situação referente à forma pela qual as relações entre exercício físico e promoção de saúde vêm sendo veiculadas e repercutidas pelos meios de comunicação de massa).

II. Quadro teórico-conceitual

A base conceitual de referência, articulada para fundamentar tanto a compreensão crítica da realidade quanto a proposta de inter-

venção emancipatória, tem como pano-de-fundo a concepção crítico-emancipatória (Kunz, 1994). A partir dela, foram buscados/refletidos conceitos tanto da Teoria Social Crítica (Indústria Cultural, Semicultura, Esclarecimento) quanto dos estudos culturais da Sociologia Latinoamericana da Comunicação (Estudos de Recepção, Mediação e Dialética das Múltiplas Mediações).

No primeiro momento, buscou-se a formulação de um quadro teórico que permitisse a compreensão do processo das novas relações instituídas entre a indústria midiática e o fenômeno cultural esporte. Neste sentido, verificou-se inicialmente que estas relações encontram-se inseridas e são pertinentes ao presente quadro de reorganização do capitalismo, podendo portanto serem examinadas na perspectiva expressa através do conceito "composto" de *globalização da economia/mundialização da cultura* (Ianni, 1995; Ortiz, 1994). A gênese deste processo, porém, é bem mais antiga, relacionada ao cenário de rebaixamento e adesão da cultura à lógica do mercado/valor de troca, que foi exposto por Adorno e Horkheimer (1985) no célebre ensaio sobre a Indústria Cultural.

Na mesma linha, percebe-se que a cooptação progressiva da cultura esportiva pelas exigências do mercado, cujos interesses são

representados por parte da indústria midiática, gera consequências subjetivas e falsas necessidades de consumo, conformando-se naquilo que Adorno (1996) classificou de semicultura ou semiformação cultural (*Halbbildung*).

Na medida em que tais influências do discurso midiático determinam novos sentidos/significados à cultura de movimento, atingindo assim, por via indireta, o campo do conhecimento da Educação Física, resta-nos, na condição de profissionais e formadores de novos profissionais para a área, perguntar “o que fazer?” Como intervir no sentido de esclarecer os sujeitos sob nossa responsabilidade pedagógica para que possam criar/desenvolver “mecanismos de defesa” para um agir autônomo e emancipado em relação à mídia esportiva? Essa questão remete para a segunda etapa do quadro teórico, que visou organizar base conceitual capaz de fornecer os elementos fundamentadores de uma intervenção crítico-emancipatória na Educação Física em relação ao discurso midiático sobre esporte.

Neste sentido, os esforços teóricos foram na direção de uma articulação entre o *Esclarecimento*, categoria universal muito cara ao projeto de Modernidade, e a *Mediação*, conceito que emerge dos estudos culturais latinoamericanos sobre a mídia.

Desde Kant (s/d), a perspectiva de o homem se servir de sua própria razão para decidir sobre seu “estar-no-mundo” implicou a busca por um estado de maioridade e superação em relação aos tutores intelectuais (Reis, Igreja), hoje talvez melhor representados pela mídia. A crença moderna na capacidade individual, na auto-reflexão crítica para atingir esta situação de autonomia do sujeito em relação ao objeto, é dialeticamente revista por Habermas (1987), no sentido de que o processo de Esclarecimento é fruto da ação comunicativa intersubjetiva, um diálogo entre sujeitos livres de coerções, em busca de consensos válidos e temporários a respeito dos objetos do mundo.

Pode-se perceber aí uma potencial interface com os estudos culturais latinoamericanos da área da comunicação social, que valorizam a esfera da recepção midiática, na perspectiva da formação de receptores-sujeitos, isto é, não passivos à direção e sentido dados pelo discurso da mídia de massa. Para tanto, estes estudos investem na categoria da Mediação (Barbero, 1987) e da dialética das múltiplas mediações (Orozco, 1993), como campo conceitual e metodológico de investigação e produção de conhecimentos emancipadores sobre a mídia, especialmente a televisão.

Para tanto, devem ser identificadas e fortalecidas as estruturas culturais de que dispõe o receptor para mediar e ressignificar o conteúdo da mensagem veiculada no discurso midiático.

Percebemos aí que o conceito ampliado de Esclarecimento – autoreflexão crítica e ação comunicativa intersubjetiva – pode articular-se com os estudos culturais para o fortalecimento das estruturas de mediação por parte do receptor e grupos de receptores.

Com essa base teórico-conceitual, foi formulada e operada proposta didática de tematização da mídia esportiva no âmbito da graduação em Educação Física, experiência relatada e refletida a seguir.

III. Metodologia

3.1 Natureza da investigação

Os procedimentos de investigação foram operados através do recurso metodológico da *pesquisa-ação*, ambientada em estratégia formal de ensino, isto é, através de disciplina optativa oferecida ao curso de licenciatura em Educação Física da UFSC. A pesquisa-ação é, segundo Thiollent (1994, p.14)

“um tipo de pesquisa social participante com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com

a resolução de um problema coletivo, no qual pesquisadores e participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo”.

Diferentemente das demais investigações-participantes, campo epistemológico-metodológico em que se situa, a pesquisa-ação oportuniza que o pesquisador desempenhe ativo papel de intervenção e avaliação na própria realidade observada. Thiollent afirma que, para além da interação entre os diversos atores sociais envolvidos no estudo, traço característico das observações participantes, a pesquisa realizada na forma de ação prevê o explícito reconhecimento dos diferentes papéis exercidos por estes atores e da intencionalidade das ações implementadas, inclusive como condição para que possam participar ativamente como sujeitos autônomos do estudo.

Quanto à abrangência da pesquisa-ação, o autor considera que ela se insere numa faixa intermediária entre o que é geralmente designado como nível macrosocial (a sociedade estruturada ou movimentos de âmbito nacional) e o que é considerado microsociais (indivíduo, família), sendo sua aplicação mais frequente nos campos da educação, comunicação, serviço social,

práticas organizacionais e introdução de novas tecnológicas na produção.

3.2 A constituição do campo de investigação e os sujeitos da pesquisa

A inexistência de instância formal de ensino com as características pretendidas pela pesquisa no currículo do curso implicou a oferta de disciplina optativa, a fim de constituir o campo de pesquisa. Eticamente, a estratégia de divulgação que informava sobre o oferecimento da disciplina também anunciava as características particulares que a constituiriam, como campo de investigação. O grupo populacional de referência deste estudo foi representado pelo conjunto de alunos do curso de graduação em Educação Física da UFSC. A constituição da amostragem, por demanda espontânea, resultou em 16 (dezesseis) acadêmicos de várias fases do curso, com faixa etária média de 19 (dezenove) anos no início da disciplina, sendo 11 (onze) do sexo feminino e 5 (cinco) do masculino.

3.3 Coleta e registro dos dados

Como é típico nas pesquisas participantes, cujo desenvolvimento vai apontando caminhos e necessidades ao pesquisador, as estratégias para coleta e registro dos dados foram bastante diversas, envolvendo diálogos, ações coordenadas e espontâneas, documentos produzidos, e informações obtidas em eventos formais, como seminários didáticos, e informais, em situações de ação, de construção individual ou coletiva. Desta maneira, foi possível recolher grande número de observações, com registro no Diário de Campo⁷, em circunstâncias vivenciadas na cotidianidade da pesquisa. Tal procedimento determinou a construção de protocolos de investigação de onde foram desenvolvidas duas categorias de análise: o *constructo teórico* e a *definição operacional*.

O *constructo teórico* serviu para interpretar os registros das observações empíricas para a linguagem teórica, a partir dos pressupostos adotados, enquanto que para *definição operacional* valeu o inverso, isto é, serviu para interpretar a linguagem teórica para a linguagem

⁷ A transcrição comentada dos apontamentos do diário de campo, na forma de texto descritivo-interpretativo serviu de material documental para análises de conteúdo e embasamento de reflexões procedidas.

observacional (com o contexto empírico e os atores sociais envolvidos). Desenvolveu-se, deste modo, um *processo dialético* de investigação empírica e interpretações teóricas: i) *da observação objetiva para a teoria*, isto é, da linguagem observacional registrada nos protocolos visou-se transcender à linguagem dos pressupostos teóricos através da categoria *constructo teórico*; ii) *da teoria para a observação objetiva*, situação em que determinados conceitos puderam ser observados à luz de observações concretas da realidade empírica, para o que foi utilizada a categoria *definição operacional*.

Para sua implementação, além dos protocolos registrados no diário de campo, outras estratégias foram realizadas: a) *pesquisa de opinião entre os alunos matriculados* sobre tópicos do tema da disciplina, utilizando escala tipo Likert, com as respostas acompanhadas de respectiva justificativa. Este procedimento, aplicado como sondagem no início dos trabalhos, teve um propósito didático, visando orientar a organização pedagógica da disciplina, e outro *investigativo*, que permitiu a formulação de perfil aproximado da turma; b) *entrevistas semi-estruturadas com alunos que haviam cursado a disciplina*, realizadas num período de, no mínimo, três meses após a sua conclusão, objetivando recolher opiniões,

adequadamente distanciadas da emocionalidade que cerca o encerramento dos trabalhos acadêmicos, a respeito do que foi realizado na disciplina, avanços percebidos, limites encontrados, possibilidades a serem exploradas, enfim, da adequação ou não da forma e do conteúdo do trabalho implementado aos objetivos do estudo. Neste sentido, foram procedidas oito (8) entrevistas, equivalente a 50% dos estudantes matriculados na disciplina.

Por outro lado, estratégias implementadas que não estavam previstas no projeto para produção de dados para análise se revelaram extremamente significativas, como: a) *organização e realização de mesa-redonda com jornalistas esportivos dos veículos locais* e b) *desenvolvimento de pesquisa coletiva sobre o comportamento da mídia esportiva local na cobertura de um evento*, posteriormente transformada em artigo e veiculada em congresso científico da área (Barbosa *et al.*, 1999).

3.4 Sistematização e análise dos dados

O conjunto de dados coletados através destes protocolos foi sistematizado para análise, em procedimento que teve os conceitos da concepção crítico-emancipatória como elementos de apoio (constructos teóricos) para sua inter-

pretação. A ferramenta metodológica adotada para a interpretação do material foi a *análise de conteúdo*, que Bardin (s/d, p.42) define como “conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens”.

Aspecto considerado nesta definição se refere ao fato de se tratar de procedimento descritivo sistemático e objetivo dos significados e significantes das mensagens, que é possível através da sua fragmentação em categorias. Para a construção e utilização destas categorias, sugere-se leitura do material através de um “ir-e-vir” constante entre as *unidades de codificação* - pequenos fragmentos das mensagens, como palavra ou pequenas expressões, minuto, centímetro, etc. - e as *unidades de contexto*, trechos maiores onde se incluem as unidades de codificação, possibilitando a compreensão do cenário da sua ocorrência.

IV. Apresentação e discussão dos resultados:

4.1 Expressões de referência como sínteses das manifestações do campo

Leitura transversal sobre todos os documentos produzidos na

pesquisa-ação (sondagem, diário de campo, entrevistas, mesa-redonda, pesquisa/texto publicado), depois de terem sido objeto de análises específicas, possibilita olhar integrador sobre o conjunto de registros e observações, visando interpretar avanços, possibilidades e limites evidenciados pelo trabalho de campo.

Conforme é preconizado pelo método de análise de conteúdo, são identificadas as *unidades de codificação* e *de contexto*, que permitem a análise categorial. Neste sentido, dupla é a tarefa requerida ao pesquisador: por um lado, é necessário compreender o “*sentido mais direto das comunicações, como um receptor normal*”; por outro, deve-se “*tentar desviar o olhar para uma outra significação, uma outra mensagem entrevista através ou ao lado da mensagem primeira*” (Bardin, s/d, p.41), que possa revelar sentidos que se encontram em segundo plano.

Esse processo é realizado pelo transitar entre as referidas unidades de codificação e de contexto. As primeiras correspondem à leitura direta de elementos linguísticos que emergem do campo da pesquisa, aqui denominados de “expressões de referência”, e que assumem a condição de sintetizadoras de comunicações, diálogos, produções, atitudes e ações percebidas/recolhidas como significativas no desen-

volvimento do trabalho. As unidades de contexto, por sua vez, são consideradas descrições mais amplas (o olhar desviado), que se relacionam com aquelas, possibilitando compreender o sentido próprio dos itens destacados como unidades de codificação no interior da estrutura de significação em que se encontram inseridas.

As expressões de referência (ou unidades de codificação) extraídas do material produzido são: “Batepapo”, “Vendo com outros olhos”, “Tematizar a realidade”, “Receptor-sujeito”, “Esclarecimento como processo”, “Mãos à obra”. Na sequência, ocorre o momento interpretativo, em que, através da descrição/análise de cada uma delas, busca-se identificar os avanços obtidos, as possibilidades e os limites que se projetam do estudo.

4.2. Análise das expressões de referência

a) “Batepapo”

A unidade de codificação “batepapo”, primeira a ser destacada, reflete a relevância assumida pela estratégia didática definida no desenvolvimento da disciplina-campo. Aproveitando a existência de traço característico da cultura esportiva do povo brasileiro, que é o hábito de comentar notícias e fatos referentes

ao futebol, seja local, estadual ou nacional, resolveu-se introduzir o procedimento já referido anteriormente, denominado pelos alunos de “sportsnews”. Sua adoção segue o que é feito, de certo modo, pela própria mídia, a “falação esportiva” (ECO, 1984), isto é, a utilização como espaço/tempo para manutenção do interesse difuso e contínuo da população (teleconsumidores) pelo produto esporte, criando laços estreitos de identidade e fixação de audiência.

O interesse da pesquisa na valorização deste aspecto da cultura popular expressava-se, todavia, em outro sentido, qual seja o de instituí-lo como campo apropriado para manifestação de opiniões minimamente fundamentadas, representando ainda uma possibilidade de mútua atualização, pela circulação de informações decorrentes dos mais variados veículos. Ressalta-se ainda a importância da utilização do *medium* da linguagem para a construção dialógica de consensos. Pode-se destacar aqui a inspiração habermasiana, que valoriza os discursos, isto é, a capacidade de argumentar e contra-argumentar, de falar (e ser compreendido) e de escutar (e produzir compreensões), enfim, de considerar a veracidade do discurso do outro, a partir da intenção de verdade com que reveste o seu próprio. Estas são ações comu-



nicativas que servem à constituição de entendimentos entre sujeitos livres de coerções, a respeito de objetos do mundo. Em outras palavras, essa manifestação da razão comunicativa relaciona-se ao conceito do esclarecimento na medida em que o desenvolvimento de tais habilidades permite que o discurso midiático (um objeto do mundo) sobre esporte possa ser ressignificado, através do diálogo empreendido entre sujeitos capazes de produzir novos e emancipados entendimentos, diferentemente do sentido unilateralmente pretendido, implícito na mensagem da mídia.

Desta forma, como contribuição à sua formação acadêmica, os sujeitos da pesquisa, além de trazerem notícias ou fatos veiculados pela mídia esportiva para a reflexão coletiva, eram instados a expressarem, argumentativamente, sua opinião a respeito do que relatavam, dando início ao processo dialógico de construção de compreensões superadoras em relação ao senso comum, assim como de desenvolvimento da competência comunicativa.

A adequação do procedimento incentivador do “batepapo”, que pode ser confirmado pelo envolvimento e pela motivação com que os alunos traziam e compartilhavam informações sobre fatos da cultura esportiva, permite sugerir

que o mesmo pode ser implementado no âmbito das intervenções pedagógicas do professor de Educação Física no campo profissional. Deve-se, contudo, ter o cuidado de introduzir um mínimo de organização e sistematização nas reflexões, a fim de evitar que haja dispersão na atenção e nos propósitos norteadores da estratégia. Outra limitação a ser evitada é quanto à preservação de iguais possibilidades de participação a todos os alunos, a fim de garantir-lhes acesso/permanência no diálogo que se deseja produzir, em busca de consensos válidos/validados pela via da linguagem.

b) “Vendo com outros olhos”

Conectada ao “batepapo”, uma segunda expressão de referência emergida do campo foi expressa pela unidade codificada “vendo com outros olhos”. Contextualmente, ela se refere às diferenças da forma como, de posse de determinadas compreensões preliminares, as mensagens do discurso midiático sobre cultura esportiva passam a ser percebidas e significadas pelos alunos.

A partir do reconhecimento do amplo leque de interesses que configuram a apropriação do fenômeno esporte pela mídia, constatou-se mudança qualitativa na maneira de os acadêmicos relaciona-

neira de os acadêmicos relacionarem-se com os veículos de comunicação de massa. Sem dados que permitam afirmar a ocorrência de alterações quantitativas referentes a tempo dedicado à mídia, percebeu-se, entretanto, crescimento da atenção dispensada à assistência de programas esportivos em geral. Isso pode ser constatado a partir da riqueza de detalhes com que são relatados e de referências a associações que começam a ser percebidas entre fatos aparentemente desconexos, envolvendo o campo esportivo e o “negócio do esporte”, mediados pela indústria da comunicação de massa. À medida que se sentem sensibilizados para o problema, os alunos evidenciam atitudes que os classificam como observadores atentos, interessados na leitura das “entrelinhas” do discurso midiático.

Aparentemente, estas primeiras descobertas funcionam como o rompimento de um dique que, até então, represava a percepção da dimensão subliminar das mensagens sobre o tema, impedindo a filtragem do seu conteúdo. Com o desenvolvimento deste novo “modo-de-olhar”, desencadeia-se processo que se poderia denominar pré-crítico, denunciatório, que atribui intenções conspiratórias e interesses escusos aos procedimentos da mídia esportiva. As informações veiculadas e a utilização do esporte como entrete-

nimento ou como motivação para peças publicitárias são logo identificadas como integrantes do projeto capitalista-monopolista, cuja objetivo precípua é a consolidação da cultura de consumo, assumindo, para tanto, papéis e sentidos pouco diferenciados entre si na constituição do discurso midiático sobre esporte.

Sentimentos contraditórios entre os acadêmicos podem ser, então, identificados. Se, por um lado, é demonstrada grande euforia pelo reconhecimento da capacidade de verem além das aparências, por outro, percebe-se certa sensação de impotência, diante da constatação das dimensões da influência da mídia no esporte. Dito de outro modo: na mesma proporção em que se sentem satisfeitos por aprenderem a identificar estas influências, demonstram angústia por se acharem incapazes de fazer-lhes frente.

Tanto a tendência ao denunciamento pouco crítico quanto o sentimento de impotência experimentado pelos alunos nesta etapa podem vir a se constituir em limitações ao processo de esclarecimento e de construção coletiva de autonomia, porque levam a provável imobilismo, comum aos dois procedimentos: i) satisfação pela simples denúncia, que não transcende nem possibilita a superação do senso comum, e ii) fragilização para o

e nem permite vislumbrar possibilidades de fortalecimento para tanto. Outra limitação a ser contornada, contrariamente ao imobilismo referido, é a predisposição, talvez própria da faixa etária, na direção de certo ativismo, isto é, um agir pouco consistente porque carente de qualquer reflexão que o possa fundamentar teoricamente.

Analisando a realidade que se consubstancia nesta expressão de referência na perspectiva do exame das possibilidades de avanço que representa para percepção crítica da mídia, pode-se sugerir que este é um momento de grande importância para a continuidade do processo de esclarecimento do acadêmico de Educação Física sobre o discurso midiático. O desenvolvimento desta capacidade de compreensão diferenciada implica necessidade experimentada de “falar-sobre”, ou seja, comunicar-se com seus pares, expressando esta nova condição e revelando detalhes recém-percebidos, o que se descortina também como ótima oportunidade de aquisição/construção da competência comunicativa, no conjunto das condições que a pressupõem: habilidades de argumentação e compreensão, formulação e testagem de “teses”, abertura ao diálogo e tentativa de formulação de consensos.

Se pedagogicamente acolhida, no sentido de manter o interesse demonstrado, fortalecer o im-

peto para mudanças e, ao mesmo tempo, redirecionar o denunciamento e o ativismo manifestos, esta etapa pré-crítica pode propiciar o surgimento de um novo momento, bastante fértil, caracterizada por atitude de busca/descoberta de maior sistematização na leitura da realidade do esporte tecnologicamente mediado, aqui representado pela expressão “tematizar a realidade”.

c) “Tematizar a realidade”

O sentido atribuído ao termo *tematização* refere-se ao processo de ressignificação, na perspectiva pedagógica, de aspectos da cultura cotidiana com interface junto ao campo da Educação Física. Para isso, é necessário que a racionalidade que cria e difunde os fenômenos analisados seja desconstruída/decomposta em suas unidades constitutivas, incluindo os significados originalmente atribuídos, os interesses hegemônicos, o discurso legitimador, enfim, o contexto sociocultural e político-ideológico onde eles são pensados, produzidos e sustentados.

Condição básica para que este processo possa ser eficazmente levado a efeito é que a abordagem crítica a ser implementada seja feita de forma sistematizada e radical, isto é, se busque a raiz dos fatores socioculturais do fenômeno.

Nesta releitura, é imprescindível a construção de estruturas teórico-conceituais que proporcionem balizamentos para orientar a procura e elementos explicativos para os resultados encontrados, cujo objetivo é o de promover novas sínteses, superadoras das visões da realidade baseadas no senso comum.

Desta forma, tematizar a cultura esportiva associada ao entendimento crítico da presença determinante da mídia na sua construção/difusão significa, sobretudo, apropriar-se de conceitos que possibilitem ir ao encontro da realidade objetivada, para tentar compreendê-la em seus aspectos técnico-funcionais, sua motivação político-ideológica e sua ação psicossocial na semiformação cultural sobre esporte. Isso pode representar a concretização de possibilidades de ação autônoma, dialogicamente mediada, na direção da construção do esclarecimento.

A tarefa pedagógica reservada aos docentes na condução deste processo de construção de estruturas teóricas de mediação da realidade, se orientados por interesses crítico-emancipatórios, deve ser a de proporcionar acesso a bases conceituais consistentes para este propósito. A organização metodológica deste procedimento didático deve visar que o acesso se dê da maneira mais participativa e

dialogada possível, considerando as dificuldades inerentes a teorias, normalmente áridas a acadêmicos mais caracterizados por sua disponibilidade para ações motoras do que para reflexões de natureza filosófica. Sugere-se, então, o aproveitamento da curiosidade produzida pela sensibilização em relação ao tema e a tentativa de promoção da unidade teoria-prática, utilizando-se de exemplos da realidade como ponto de partida para a análise a ser procedida sob as bases conceituais apontadas.

Possível limitação a ser evitada nesta etapa é certa tendência de apropriação aligeirada e superficial destes referenciais teóricos. Em vista das reconhecidas dificuldades acadêmicas de aprofundarem-se mais demorada e detalhadamente nos conceitos, há risco de os alunos se satisfazerem com explicações pseudosuficientes para os problemas estudados, forçando associações não claramente demonstradas ou fazendo ilações características daquilo que, metodologicamente, se costuma denominar de tentativa de encaixar o problema no modelo teórico.

d) “Receptores-sujeitos”

Quando os alunos passam a perceberem-se como “receptores-sujeitos” da mensagem midiática - outra expressão de referência mui-

outra expressão de referência muito relevante para o processo do esclarecimento -, novas transformações qualitativas na relação dos acadêmicos com a mídia esportiva podem ser observadas. Para além do que ocorre diante de exemplos externos, muitas vezes pouco significativos à sua realidade (embora públicos e notórios), a experiência formativa de atribuição de sentidos próprios à mídia esportiva, quando dialogicamente refletida, oportuniza outras possibilidades para compreensão do fenômeno do esporte mediatizado. A descoberta da capacidade individual de recepção crítica ao conteúdo originalmente pretendido pelas mensagens dos meios de comunicação, como resultado particular da apropriação dos aportes teóricos que proporcionam a construção de novas bases conceituais de análise, exerce papel legitimador e, ao mesmo tempo, multiplicador das possibilidades de esclarecimento e autonomia frente ao discurso dos veículos de comunicação de massa.

Da experiência vivenciada, já em si muito rica para o processo de superação da pretensa unidirecionalidade de sentidos da comunicação mediatizada, abre-se aos acadêmicos um novo e amplo espaço, passível à intervenção do profissional da área, na medida em que são vislumbradas possibilidades

do agir crítico-emancipatório no interior da Educação Física, na perspectiva do fortalecimento das estruturas culturais que fazem a mediação do discurso midiático sobre esporte.

A compreensão de que a atribuição de sentidos próprios às mensagens da mídia é uma possibilidade concreta, pessoalmente constatada pelos acadêmicos, gera novo compromisso profissional: que seus futuros alunos também poderão desenvolver atitudes mais seletivas e autônomas ao se relacionarem com a mídia esportiva, sendo percebidos como sujeitos-receptores, ou seja, cidadãos com iguais direitos de emanciparem-se em relação a interesses subliminares, identificados subjacentemente ao discurso midiático sobre esporte. E, para tanto, admitem ser necessário que, nas diferentes oportunidades em que se encontrem sob a atenção pedagógica de um profissional da área, o tema da mídia esportiva constitua-se em elemento didático da intervenção emancipatória da Educação Física.

Diante disso, os acadêmicos passam a entender que o fortalecimento das estruturas culturais que podem levar ao esclarecimento, visando uma relação mais autônoma dos seus alunos com a mídia esportiva, constitui-se em novo e inadiável compromisso pedagógico

Educação Física. A dimensão da ética é referida porque não mais lhes parece possível aceitar que, diante do reconhecimento das influências diretas exercidas pela mídia sobre cultura esportiva e, por consequência, sobre a qualidade do exercício da própria cidadania, o profissional da área silencie ou, ainda pior, contribua com sua intervenção pedagógica para a ampliação da relação de dependência e consumo acrítico dos produtos oferecidos pela mídia esportiva.

Se a formação do receptor-sujeito através dos processos de mediação cultural parece apresentar significativas aproximações teóricas com a perspectiva do esclarecimento, esta associação pode ser aqui referida na expressão de referência anteriormente tratada (“receptores-sujeitos”) relacionada a nova unidade de codificação.

e) “Esclarecimento como processo”.

O primeiro aspecto do conhecimento a respeito do conceito de esclarecimento refere-se o fato de que este é um traço característico da humanidade, compreendido como um processo permanente, sempre inconcluso, de produção de entendimentos mútuos e de consensos provisórios entre sujeitos, a respeito de “coisas do mundo”.

No que se refere à mídia em geral (e a esportiva, de modo especial), o desenvolvimento processual do esclarecimento é configurado como etapa cumulativa de aprendizagem de estruturas que permitem o refinamento da informação consumida. Com isso, quer-se registrar que a racionalidade produzida a partir da reflexão e do diálogo sobre a mídia pode possibilitar a adoção de atitudes cada vez mais esclarecidas e autônomas em relação aos significados originalmente expressos pelo discurso midiático, como consequência de sentidos particular e coletivamente atribuídos através do *medium* da linguagem e da ação de filtragem das informações, realizada por ação das estruturas de mediação que, nesse processo dialógico, se fortalecem e se constroem mutuamente.

O reconhecimento da característica de provisoriedade do esclarecimento, no que se refere a uma condição em permanente construção pelos acadêmicos da Educação Física, os leva a compreenderem o caráter também processual da sua própria formação profissional. De fato, os saberes/fazer sobre esporte produzidos e modificados por influência da mídia revelam-se um bom exemplo de como a cultura esportiva, da qual são recolhidos os conteúdos didáticos de sua intervenção pedagógica, é dinâmica e coti-

dianamente reconstruída, tal como eles mesmos observam no percurso do seu caminho em direção ao esclarecimento. Por conta disso, também são fugazes os conhecimentos decorrentes somente de experiências sensíveis vividas na formação acadêmica, o que requer a apropriação de bases teórico-conceituais mais consistentes, tanto para esta fase da sua profissionalização quanto para a sua formação continuada. Neste sentido, contribuição que este estudo pode oferecer é a compreensão de que os procedimentos de educação permanente a serem buscados pelos acadêmicos/profissionais sejam pautados por situações crítico-reflexivas e dialógico-comunicativas de apropriação e reconstrução do conhecimento.

Limitação evidenciada, contudo, se refere ao reconhecimento das dificuldades dos acadêmicos em romperem com o quadro de acomodação aos “tutores intelectuais”, papel exercidos pela mídia esportiva na sociedade contemporânea. De fato, o discurso midiático institui-se muito fortemente no papel dos condutores das visões de mundo (denunciados por Kant), por uma série de razões: a sua característica de emocionalidade, os recursos tecnológicos de que dispõe e o critério da chamada competência da autoridade de que se vale, exercida por ex-atletas guindados à condição

de agentes da mídia esportiva. Agir no enfrentamento e superação de tal submissão implica, necessariamente, na desconstrução dos diferentes elementos que conformam o discurso midiático sobre esporte, produzindo uma compreensão progressivamente crítica a este respeito, como condição imprescindível para o processo de esclarecimento.

f) “Mãos à obra”

Estas ações, no sentido mais literal da palavra, geram mais uma expressão de referência emergida do campo da pesquisa, que é simbolizada pela unidade de codificação “mãos à obra”. Contextualmente, com ela está-se referindo ao impulso à intervenção direta e pontual na realidade em análise, visando compreendê-la melhor para transformá-la, que se percebe associadamente ao desenvolvimento do processo de esclarecimento.

Diferentemente do impulso inicial para o ativismo, agora a ação é percebida como uma forma ativa de apropriação/reelaboração de conhecimentos que levem a essa condição. Na medida em que etapas sucessivas de progressivo amadurecimento teórico vão sendo vivenciadas pelos estudantes (sintetizadas pelas expressões de referência anteriores), as experiências

formativas decorrentes de ações que exigem deles atitudes mais participativas e cooperativas revelam-se momentos apropriados e de grande contribuição para a sua formação crítico-emancipatória, em função de que práticas dialógicas e de reflexão coletiva, que reconstróem e consolidam os conhecimentos adquiridos pela experiência sensível, se tornam atitude permanente em seu processo de ensino-aprendizagem.

Desta maneira, entende-se que o reconhecimento objetivo das condições concretas que conformam a realidade examinada pode se dar na sua amplitude contextual, evitando que recortes aleatórios procedidos apenas por suas condições de singularidade ou exotismo sejam destacados e inferidos como representativos da totalidade do fenômeno estudado. Da mesma forma, associações entre predisposições, fatos e consequências passam a ser percebidas e corretamente significadas, superando entendimentos pontuais ou de natureza “mágica” que podem decorrer de visões superficiais sobre o cotidiano da mídia esportiva.

Por fim, cabe ressaltar que este caminho parece mostrar-se seguro para a promoção de situações de esclarecimento que sejam baseadas em formas práticas/reflexivas de apropriação de conhecimentos. Por

isso, destaca-se como exemplo o procedido a partir das duas estratégias didáticas de aproximação ativa e crítica à realidade da cultura esportiva construída pela mídia. Os eventos realizados (mesa-redonda e pesquisa coletiva) configuraram-se como principais referências citadas pelos alunos nas entrevistas, considerados momentos privilegiados em seu processo de esclarecimento – salientando-se ainda que as reflexões e ações dialógicas que antecederam e repercutiram os momentos ditos “práticos” dos eventos foram de grande relevância para a formação de uma visão mais crítica e emancipada sobre os temas abordados.

V. Considerações finais

Primeiramente, cabe destacar a atualidade e adequação dos conceitos da Teoria Crítica, fundamentalmente os da Indústria Cultural e da Semicultura, para a compreensão crítica do papel da mídia na conformação do processo de mercadorização da cultura esportiva e, mais do que isso, na formação subjetiva de estruturas psicológicas e cognitivas adaptadas ao consumo acrítico desta produção simbólica, razão pela qual o esporte inscreve-se crescentemente como um dos principais vetores do processo funcional de globalização da economia/mundialização da cultura.

De fato, a interpretação da área das práticas culturais de esporte na sociedade globalizada, tal como se apresenta constituída atualmente, pode ser, em boa parte, facilitada pelos os esquemas conceituais introduzidos por Adorno e Horkheimer. Assim também o é no que se refere à compreensão das consequências subjetivas e mistificadoras deste processo, a semicultura esportiva. A noção de adaptação domesticada ao ritmo e à oferta de produtos sempre iguais da cultura massificada possibilita o entendimento das manobras porque passa o sistema esportivo mundial, motivadas por sua associação às corporações transnacionais, cuja aliança é operada pela indústria midiática. Ao lado disso, a naturalidade com que se reconhece e admite esta “colonização” da cultura de movimento, isto é, a subsunção desta manifestação do mundo vivido à dimensão tecnicamente regulada pelo sistema financeiro e do poder, é em si fruto da coisificação das consciências pela Indústria Cultural.

Igualmente, é possível constatar a relevância do conceito de Esclarecimento, destacando seu caráter dialético e sua condição processual (um *vir-a-ser*, na acepção de Adorno, 1995), como eixo fundamentador e articulador de projetos de resistência crítica à Indústria Cultural e de intervenção peda-

gógica contra-hegemônica à mídia esportiva no campo da Educação Física. Como processo que se constrói dialética e intersubjetivamente na relação individual-coletivo, o esclarecimento se revela recurso apropriado para nortear o encaminhamento de ações que visem intervir na qualidade da percepção e atribuição de sentidos pelo receptor do discurso midiático sobre a cultura esportiva e de movimento, na perspectiva da produção da sua criticidade, seletividade e autonomia.

Também parece razoável afirmar que os estudos culturais da corrente latinoamericana da Sociologia da Comunicação, especialmente aqueles orientados para a compreensão das estruturas de mediação para a formação do receptor-sujeito, convertem-se em significativos colaboradores dos procedimentos crítico-emancipatórios em relação à semicultura esportiva. Neste sentido, revelam-se promissoras as potencialidades investigativas e de intervenção produzidas a partir da aproximação teórica entre o conceito de esclarecimento, permeado pela racionalidade comunicativa de orientação habermasiana, e a exploração das possibilidades de produção de autonomia do sujeito, reveladas em estudos sobre o pólo da recepção midiática. Pode-se afirmar, então, que na sociedade contempo-

rânea, cujos significados simbólicos da sua cultura são fortemente marcados pela influência dos meios de comunicação, intervir no fortalecimento dos mecanismos sociais de filtragem da mensagem midiática é, essencialmente, uma forma de agir em nome do esclarecimento.

Objetivamente, considerando a linguagem como o *medium* pelo qual pode acontecer este entendimento entre as muitas vozes constituintes do campo das mediações e da recepção crítica, parece ratificar-se a ligação que pode ser estabelecida entre o esclarecimento baseado na racionalidade comunicativa e os estudos para formação do receptor crítico e autônomo.

Se educação é o mesmo que emancipação, como afirma Adorno (1995), e entendendo que a indústria midiática assume atualmente o papel de principal agente das forças antiesclarecimento, então o preconizado é uma educação que tematize o discurso da mídia no âmbito da formação acadêmica e oriente-se para facilitar o acesso dos alunos a “ferramentas” (conceituais e técnicas) que lhes permitam efetuar a leitura crítica das mensagens subliminares a este discurso, como forma de buscarem dialogicamente o esclarecimento frente aos meios.

Assim, abrem-se amplos espaços e renovam-se compromissos pedagógicos transdisciplinares

de uma educação para a formação crítica do receptor no ensino formal, do fundamental ao superior – ainda que não limitados ao sistema escolar. Percebem-se aí as possibilidades de que esta educação para a mídia esportiva seja pensada/implementada no âmbito da formação acadêmica em Educação Física, na perspectiva do esclarecimento, cujos objetivos devem visar, concomitantemente, o exame rigoroso das determinações midiáticas sobre os saberes/fazeres da cultura esportiva e a articulação de procedimentos de intervenção emancipatória, para a superação de estágios de compreensão de senso comum.

Do ponto de vista teórico-metodológico, os procedimentos didáticos adotados na pesquisa-ação podem ser considerados adequados aos objetivos de formação crítica para a recepção à mídia esportiva, entre acadêmicos de Educação Física. De modo geral, foram adotadas estratégias complementares entre si, como as que proporcionam o acesso a esquemas teóricos explicativos, ao lado de reflexões dialogicamente mediadas sobre o cotidiano do objeto de estudo, tudo isso intermediado por formas ativas, criativas e críticas de produção de conhecimentos sobre a temática. A conjugação equilibrada destas diferentes metodologias parece ser bem

indicada para fazer frente ao alto grau de complexidade das possíveis abordagens do tema sob a forma disciplinar.

Por fim, cabe sugerir que se examinem possibilidades de aplicação deste arcabouço teórico-metodológico para a abordagem de outras temáticas da Educação Física, igualmente sob influências da indústria midiática. Muitos são os exemplos que podem ser citados, mas talvez o de maior empatia refira-se ao discurso midiático sobre os benefícios do exercício físico para a promoção da saúde. Silenciando sobre as controvérsias que cercam esta relação, mas aproveitando-se das possibilidades de mercadorização que podem advir da sua “legitimação social” (igualmente fabricada), a indústria midiática atua simbolicamente na “venda” de saúde e qualidade de vida através do exercício físico (GONÇALVES; PIRES, 1999).

O campo de estudos da saúde coletiva/atividade física vem recolhendo diversas evidências decorrentes deste processo, cujas dimensões atingem parâmetros que podem ser caracterizados como epidemias da nova sociedade instrumental (GONÇALVES *et al.*, 1997). Por um lado, observa-se o aumento do número e da gravidade de lesões crônico-degenerativas provocadas por exposição demasiada ou

indevida a práticas corporais lançadas como moda a cada nova estação. Por outro, cresce a utilização de substâncias químicas destinadas a aumentar e acelerar os resultados de programas de atividades físicas, cujas consequências colocam-se no sentido oposto ao da pretendida melhoria das condições gerais de saúde.

No que se refere às relações com a Educação Física, percebe-se influências sobre a formação acadêmica, em vista da delimitação de significativa parcela do mercado de trabalho da área que praticamente exige a formação de profissionais destinados a reproduzi-las, conformando círculo vicioso que vai consolidar tal concepção funcionalista da relação saúde/atividade física, com o questionável aval da Academia.

Aliás, esta parece ser uma característica peculiar deste enfoque, destacando certa especificidade que sua análise deve merecer: se o discurso midiático sobre esporte praticamente prescinde do estatuto da ciência, porque opera no âmbito do entretenimento e dali recruta seus “especialistas” (por exemplo, ex-atletas que viram comentaristas), sua aplicação ao campo do exercício físico e saúde insere-se na dimensão da informação pretensamente validada por critérios científicos, por isso necessita da legitimação e do

respaldo da comunidade científica (novos tutores intelectuais kantianos?), normalmente pesquisadores ligados a universidades e centros de investigação.

Além disso, no que se refere ao estudo das relações entre exercício físico e saúde veiculadas pela mídia, também se faz necessário à ampliação da abordagem (aqui orientada apenas para o pólo do receptor), passando a considerar igualmente a atuação do emissor (no caso, os agentes científicos que respaldam o discurso midiático), vez que é nesta condição que acontece sua intervenção.

Assim, ressalvadas estas características próprias, os elementos constituintes deste processo de produção da realidade parecerem expressar significativas semelhanças com o que se observou em relação à cultura esportiva, o que leva a crer que os fundamentos teórico-conceituais e metodológicos empregados na compreensão/intervenção do fenômeno do esporte tecnologicamente mediatizado possam servir de referência para abordagens sobre o papel da mídia na construção deste discurso midiático sobre atividade física como sinônimo de saúde e qualidade de vida. Logicamente, desde que os objetivos de tais enfoques também se pautem pela perspectiva do esclarecimento, da formação do receptor

autônomo e, em última análise, da busca pela emancipação como tarefa pedagógica da Educação Física.

Referências:

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

ADORNO, Theodor W. Teoria da semicultura. *Educação e sociedade*, ano XVII, v. 56, p. 388-411, dez., 1996.

_____. *Educação e emancipação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

BARBOSA, Grazielle et al. Figueirense x Avaí: o "clássico do século"- estudo sobre mídia e cultura esportiva em Florianópolis. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 21, n. 1, p. 361-368, set., 1999.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, s/d.

BRACHT, Valter. *Educação física e aprendizagem social*. Porto Alegre: Magister: 1992.

_____. *Educação física e ciência: cenas de um casamento (in)feliz*. Ijuí: Ed. UNIJUI, 1999.

CARVALHO, Sérgio; HATJE, Marli. Proposta de desenvolvimento de um novo conhecimento na e para a Educação Física e a Comunicação Social no Brasil. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 17, n. 3, p. 260-265, maio, 1996.

DEMO, Pedro. *Cidadania tute-*

lada e cidadania assistida. Campinas: Autores Associados, 1995.

ECO, Umberto A falção esportiva. In: _____. *Viagem na irrealidade cotidiana*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

GEAEF - Grupo de Estudos Ampliados da Educação Física. *Diretrizes Curriculares para a educação física no ensino fundamental e na educação infantil da rede municipal de Florianópolis/SC*. Florianópolis: O Grupo, 1996.

GONÇALVES, Aguinaldo (org.) et al. *Saúde Coletiva e urgências em Educação Física*. Campinas: Papirus, 1997.

GONÇALVES, Aguinaldo; PIRES, Giovanni de Lorenzi. Educação Física e saúde. *Motriz*, n.5, p.15-17, jun., 1999.

HABERMAS, Jurgen. *Teoria de la acción comunicativa*. Madrid: Taurus, 1987 (Tomos I e II)

IANNI, Otávio. *Teorias da globalização*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

KANT, Immanuel. "Resposta à pergunta: o que é o iluminismo?" In: _____. *A paz perpétua e outros opúsculos*. Lisboa: Edições 70, s/d.

KUNZ, Elenor. *Educação Física: ensino e mudança*. Ijuí: Ed. UNIJUI, 1991.

_____. *Transformação didático-pedagógica do esporte*. Ijuí: Ed. UNIJUI, 1994.

LOVISOLO, Hugo. *Educação física: a arte da mediação*. Rio de Janeiro: Sprint, 1995.

_____. *Educação/interlocução, aprendizagem/reconstrução de saberes*. Ijuí: Ed. UNIJUI, 1996.

BARBERO, Jesús M. *De los medios a las mediaciones: comunicación, cultura y hegemonía*. México: GG, 1987.

OROZCO, Guillermo G. Hacia una dialectica de la recepción televisiva: la estructuración de estrategias por los televidentes. *Comunicação & Política na América Latina*, ano 8, v. 22 a 25, p. 57-73, 1993.

ORTIZ, Renato. *Mundialização e cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PIRES, Giovanni De Lorenzi Pires. *Educação física e o discurso midiático: abordagem crítico-emancipatória*. Ijuí: Ed. UNIJUI, 2002.

PIRES, Giovanni De Lorenzi; GONÇALVES, Aguinaldo. *Cultura esportiva e mídia: abordagem crítico-emancipatória a partir da educação física*. *CONBRACE*, 12, Caxambú/MG, out., 2001 (Anais em CD Rom).

PIRES, Giovanni de Lorenzi; GONÇALVES, Aguinaldo; PADOVANI, Carlos Roberto. Recepção à mídia esportiva entre acadêmicos de educação física da UFSC: estudo sobre opiniões conforme posição na estrutura curricular. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 21, n. 1, p. 388-394, set., 1999-a.

_____. Estudo sobre a mediação institucional "formação profissional" na recepção à mídia esportiva entre acadêmicos da UFSC. *Reunião Anual da SBPC*, 51. Porto Alegre, jul., 1999-b (Anais em CD Rom).

SANTIN, Silvino. *Educação física: ética, estética, saúde*. Porto Alegre: EST, 1995.

SÉRGIO, Manuel. *Educação física ou ciência da motricidade humana?* Campinas: Papyrus, 1993.

_____. Motricidade humana: uma autonomia disciplinar. *Discorpo*, n. 6, p. 45-77, jan.-jun., 1996.

SOARES, Carmen Lúcia. *Educação física: raízes européias e Brasil*. Campinas: Autores Associados, 1994.

TANI, Go. Cinesiologia, educação física e esporte: ordem emanente do caos na estrutura acadêmica. *Motus Corporis*, v. 3, n. 2, p. 9-50, dez., 1996.

THIOLENT, Michel. *Metodologia da pesquisa-ação*, 6. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

TREBELS, Andreas H. Playdoyer para um diálogo entre teorias do movimento humano e teorias do movimento no esporte. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 13, n. 3, p. 338-344, jun., 1992.

Departamento de Educação Física/
Centro de Desportos/UFSC - Campus
Universitário

CEP 88.040-900 – Florianópolis/SC

Recebido: dez/2002

Aprovado: fev/2003

Contatos:

Giovani De Lorenzi Pires
(giovanipires@cds.ufsc.br)